

EDUCAÇÃO E INTERGERACIONALIDADE: NOVAS IMAGENS SOBRE O ENVELHECIMENTO

Vanessa Paola Rojas Fernandez; Matilde Maria de Magalhães Arena Corrêa; Olga Rodrigues de Moraes von Simson

(Universidade Estadual de Campinas, vanessist@hotmail.com; mmatildinha@gmail.com; simson@superig.com.br)

Resumo do artigo: A educação e a intergeracionalidade podem atenuar prejuízos incontornáveis da velhice e oferecer oportunidades à população idosa na sociedade brasileira contemporânea, ao mesmo tempo em que sensibilizam e conscientizam os jovens sobre esta realidade de um modo não tradicional. A valorização dos idosos e o conhecimento proporcionado a ambos, jovens e idosos, são alguns dos aspectos positivos desta relação. Os idosos podem repassar a memória cultural e como vivenciar o envelhecer; os jovens, por sua vez, podem transmitir valores de comportamento e até ensinar novas tecnologias aos idosos. São muitas as possibilidades existentes e neste artigo apresentaremos algumas delas, resultado de uma pesquisa bibliográfica realizada em uma base de dados e de um projeto realizado entre uma escola pública e uma instituição de longa permanência para idosos filantrópica em Campinas/SP. Na pesquisa bibliográfica, percebemos que a aproximação entre diferentes gerações gera aprendizagens recíprocas, convivência positiva, respeito e diminuição de preconceitos, mas que ainda são muito poucas ou inexistentes as atividades intergeracionais nas escolas de educação formal. No projeto, percebemos que as propostas intergeracionais no contexto educacional apresentam novas imagens sobre o envelhecimento, ressaltando os aspectos positivos e desconstruindo os estereótipos existentes, mas que devem ser feitas com cautela, para não rejeitar a própria ideia de velhice, negando o declínio físico, mental e outras adversidades desta fase da vida. Enfim, o que se preza é a construção de uma sociedade mais justa e humanizada, com foco nas relações entre os seres humanos, e acredita-se que a educação pode contribuir para isto.

Palavras-chave: intergeracionalidade, idoso, educação.

- Introdução

A colonização na América Latina trouxe uma morte simbólica do filho (mestiço ou nativo), o que significou a ruptura da cultura deste e a imposição da cultura do colonizador, que penetrou profundamente na pedagogia latino-americana, tornando-a opressora e antidialógica¹. É preciso combater rapidamente essa situação tão enraizada no Brasil, de uma sociedade tão explorada desde sua colonização, conscientizando os sujeitos dessa opressão histórica. É possível fazer isto exercendo uma educação dialógica e transformadora, com a criação de atos pedagógicos humanizados, críticos, problematizadores, revolucionários².

A escolarização das crianças a partir do século XVIII e os programas sociais e culturais exclusivos para a Terceira Idade no século XX são marcos históricos que, infelizmente, distanciaram as trocas geracionais e as aprendizagens que poderiam acontecer entre jovens e

idosos³. A Organização Mundial de Saúde e o Plano da Assembleia de Envelhecimento Mundial de Madri falam sobre a importância da relação entre gerações, sejam nas famílias, comunidades, escolas e Estado, visando solidariedade entre ambas, para que sejam quebrados preconceitos e melhorem a qualidade de vida tanto dos jovens como dos idosos⁴.

O Estatuto do Idoso promulgado em 2003 refere-se à inclusão no currículo da educação formal de conteúdos sobre o processo de envelhecimento, de forma que possibilitem uma reflexão crítica, respeito e superação de preconceitos dos mais jovens em relação aos mais velhos. Por isso, além de um currículo voltado a este fim, devem existir livros como instrumentos de valorização dos idosos e variadas atividades⁵.

Portanto, as políticas públicas têm o desafio complexo de edificar sólidas relações intergeracionais através de ações que esclareçam a importância de cada grupo etário, sem demarcar hierarquias e enfatizando as trocas simbólicas entre as gerações, com foco nas experiências de vida e nas relações afetivas⁶. As famílias, os grupos sociais e os meios de comunicação devem contribuir para estas ações, nas quais as escolas e outras instituições podem desempenhar um papel fundamental.

Além disso, vivemos em uma sociedade que é maléfica para a velhice, pois o velho na sociedade industrial, ao perder a sua força de trabalho, já não é produtor nem reproduzidor⁷. Esta sociedade moderna e capitalista, que considera útil apenas quem está no mercado de trabalho produzindo, acaba desvalorizando e rejeitando os seus idosos. Em muitos casos, estes acabam isolados em instituições ou em situações de doenças que se agravam e lhes tiram ainda mais a vontade de viver. É preciso reagir para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade e é um dever de todos lutar contra qualquer exclusão dos idosos de nossa sociedade, sobretudo porque “a mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele”⁷.

A velhice é a consequência natural do processo de envelhecimento. É a última fase do ciclo da vida. Caracteriza-se por manifestações somáticas, como redução da capacidade funcional e aumento da lentidão psicomotora, por mudanças hormonais e imunológicas, por alterações na postura, na marcha e no equilíbrio, por mudanças cognitivas, pela redução da capacidade de trabalho e da resistência, associadas à perda de papéis sociais, pelo aumento do sentimento de solidão e por outras mudanças bem conhecidas⁸.

A educação e a intergeracionalidade podem atenuar prejuízos incontornáveis da velhice e oferecer oportunidades à população idosa na sociedade brasileira contemporânea, ao mesmo tempo

em que sensibilizam e conscientizam os jovens sobre esta realidade de um modo não tradicional. A valorização dos idosos e o conhecimento proporcionado a ambos, jovens e idosos, são alguns dos aspectos positivos desta relação. Os idosos podem repassar a memória cultural e como vivenciar o envelhecer; os jovens, por sua vez, podem transmitir valores de comportamento e até ensinar novas tecnologias aos idosos. São muitas as possibilidades existentes e neste artigo apresentaremos algumas delas, resultado de uma pesquisa bibliográfica realizada em uma base de dados e de um projeto realizado entre uma escola pública e uma instituição de longa permanência para idosos filantrópica em Campinas/SP.

- Metodologia

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica na base de dados Scielo com as seguintes palavras-chaves: intergeracionalidade, idosos e educação. A revisão bibliográfica é um método sistemático de coleta de conhecimentos já produzidos, para identificar, avaliar e interpretar de forma crítica o conhecimento em um determinado campo de estudo. Para isto, geralmente são utilizadas diversas bases de dados, nacionais e internacionais, visando a recolha de um número significativo da produção existente. Neste trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica em apenas uma base de dados, pois não era nosso objetivo a investigação sistemática da produção existente, mas sim identificar alguns temas e lacunas sobre o assunto, em uma base que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros.

Foram encontrados três artigos que se referem à intergeracionalidade relacionada a alguma questão educacional envolvendo jovens e velhos. Em uma das pesquisas, foram realizadas atividades dialógicas, como oficinas e rodas de conversa que discutiam sobre o envelhecer, entre 12 idosos e 21 crianças e adolescentes de escolas públicas no Paraná⁹. Outro estudo, no Distrito Federal, também analisou a relação entre idosos e jovens de escolas públicas, buscando conhecer as opiniões dos jovens estudantes e dos idosos da comunidade sobre o envelhecimento e sua correlação com a existência ou não de preconceitos¹⁰. E um estudo analisou a visão do envelhecimento, da velhice e do idoso veiculada nos livros infanto-juvenis, focando na importância da educação formal utilizar melhor estes livros⁵.

Após esta leitura bibliográfica, consideramos importante apresentar um projeto desenvolvido na cidade de Campinas/SP, que demonstra uma experiência prática sobre a relação intergeracional, envolvendo a educação.

O projeto foi realizado na EMEF Padre José Narciso Vieira Ehrenberg, com alunos do Ensino Fundamental II. Localizada no bairro Jardim São Marcos, na região norte do município, a comunidade escolar é formada por alunos que, na maioria dos casos, vivem em condições de vulnerabilidade econômica e social. Trata-se de um bairro da periferia, pois é marcado pela precariedade e falta de assistência e de recursos, onde muitas famílias vivem sem habitação digna, saneamento básico e opções de lazer e em meio a altos índices de violência, consumo e tráfico de drogas.

A escola é o local onde os estudantes aprendem não somente os conteúdos curriculares das disciplinas, mas também noções básicas de cidadania. Neste contexto, eles foram apresentados ao Lar dos Velhinhos de Campinas, uma instituição de longa permanência para idosos sem fins lucrativos, não estatal e filantrópica, que atende aproximadamente 80 pessoas idosas em condições de vulnerabilidade econômica e social. Trata-se de uma instituição dotada de longa experiência, cuja história remonta ao final do século XIX, quando campanhas na cidade deram origem ao “Asylo de Mendigos”, fundado em 1904, inaugurado em 1905 como “Asylo de Inválidos” e consolidado na década de 1970 como “Lar dos Velhinhos de Campinas”¹¹.

Essa instituição se mantém, basicamente, graças a doações financeiras de empresas, pessoas físicas e outros tipos de doações, como materiais e trabalhos voluntários, para uma comunidade bastante heterogênea, formada por pessoas idosas com origens geográficas, étnicas e sociais distintas, mas que têm em comum a ausência de cuidado familiar na atualidade, porque não constituíram família ou porque a família não está preparada para oferecer tal cuidado. Por isso, a instituição é o local onde os idosos recebem habitação, cuidados com a saúde e atividades que visam uma melhor qualidade de vida.

O desenvolvimento do projeto se deu em duas fases: educação formal na escola e educação não-formal na instituição. A educação formal na escola teve início com a introdução do tema velhice e envelhecimento humano nas aulas de História e Arte, segundo os seus respectivos procedimentos teórico-metodológicos e uma abordagem interdisciplinar. Leituras e análises de textos e imagens foram organizadas, como fragmentos do Estatuto do Idoso (2003), poemas de Cora Coralina (1889-1985), conceitos de Gerontologia, vídeos, histórias de vida e fotografias de idosos da própria instituição. Assim, em sala de aula os jovens já produziram conhecimentos sobre o assunto, aprendendo sobre os direitos dos idosos, a produção poética de uma escritora que publicou seu primeiro livro aos 76 anos de idade, a importância dos conceitos, a diversidade das experiências de vida em imagens e narrativas.

A educação não-formal na instituição se deu com a participação na 14ª Semana de Museus, um evento anual realizado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Inaugurado em 2009, o “Centro Histórico Orosimbo Maia” tem o objetivo de preservar e divulgar a memória do Lar dos Velhinhos de Campinas. Seu acervo é composto de móveis e objetos dos séculos XIX e XX, que pertenciam originalmente à entidade ou que foram doados para ela, dispostos em ambientes caracterizados, e de documentos escritos e iconográficos de sua trajetória, remetendo os visitantes à história da instituição e ao passado dos que vivem nela. Nesta semana, escolas foram convidadas a visitarem a instituição, constituindo uma oportunidade de conhecer o espaço museal e de aproximar as gerações. Na visita da escola citada, os alunos realizaram atividades de entrosamento com os idosos do local, como roda de conversa e arte postal. Assim, já sensibilizados em sala de aula, os alunos tiveram contato direto com os protagonistas do assunto problematizado, gerando novas reflexões e sentimentos entre eles.

- Resultados e Discussão

Com base nas pesquisas bibliográficas, pôde-se perceber que a aproximação entre diferentes gerações gera aprendizagens recíprocas, convivência positiva, respeito e diminuição de preconceitos. Apesar de não permitir generalizações, por serem pesquisas breves, a possibilidade de inspirar novas pesquisas e reflexões sobre o tema já é de grande valia.

Valoriza-se a perspectiva do envelhecimento ativo, que se distancia de uma noção restritiva, pautada nas necessidades ou perdas biológicas dos idosos, que tende a relacionar o envelhecimento com doenças, dependência ou peso econômico, para focar a velhice como um tempo útil e recoberto de possibilidades de realizações e de ressignificações, confrontando estereótipos carregados de conotações negativas. A aproximação entre diferentes gerações apresenta-se como uma forma possível de desmistificar tais estereótipos, exercendo influências positivas na percepção que crianças e adolescentes têm sobre idosos⁹.

Defende-se a educação gerontológica, pois esta pode fazer a diferença para os jovens no entendimento e no relacionamento com os idosos em casa, na comunidade e na sociedade em geral, além de contribuir para que envelheçam melhor e com mais qualidade de vida. As propostas pedagógicas das escolas devem contemplar atividades que possam favorecer a formação de valores, hábitos e atitudes voltados à boa convivência entre as diferentes gerações¹⁰.

É preciso repensar a educação de jovens e crianças, incentivando a utilização dos livros infanto-juvenis no processo educativo a respeito do tema envelhecimento, não só em termos de

cidadania e civilidade, como também em termos de educação em saúde. Os livros podem estimular a sociedade a pensar em estratégias para estimular nas crianças e nos jovens o pensamento crítico-reflexivo acerca do envelhecimento, da velhice e do velho, tanto para propiciar que o processo de envelhecimento seja melhor vivenciado por eles, como para viabilizar uma convivência mais positiva entre eles e idosos⁵.

Contudo, os estudos também demonstraram que inexitem ou são muito poucas as atividades voltadas para os idosos ou intergeracionais nas escolas de educação formal. Assim, devem ser divulgados e incentivados projetos como o que é apresentado neste artigo.

Desenvolvido entre uma escola pública e uma instituição de longa permanência para idosos filantrópica em Campinas/SP, o projeto educacional intergeracional rompeu com o modelo de ensino tradicional ao buscar uma educação para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa com métodos diferenciados. Com ele, pôde-se perceber que as propostas intergeracionais no contexto educacional apresentam novas imagens sobre o envelhecimento, ressaltando os aspectos positivos e desconstruindo os estereótipos existentes, mas que devem ser feitas com cautela, para não rejeitar a própria ideia de velhice, negando o declínio físico, mental e outras adversidades desta fase da vida. Em um conhecimento contextualizado, forneceu aos jovens reflexões e sentimentos que não estão disponíveis nos livros didáticos, ao mesmo tempo em que contribuiu para melhorar a qualidade de vida dos idosos institucionalizados, que se perceberam respeitados, valorizados, úteis e amados.

- Conclusões

Na contemporaneidade, inúmeros são os temas a serem trabalhados entre professores e seus alunos. Um deles que precisa ser muito trabalhado é o envelhecimento humano. Afinal, o Brasil possui atualmente 23 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade, o que corresponde a 12,5% de sua população. Porém, se o crescimento do número de idosos é um dos maiores triunfos da humanidade, é também um de seus maiores desafios, devido às complexidades da velhice, sendo tais desafios maiores em países como o nosso, onde uma parcela considerável dos idosos sofreu e sofre os efeitos da precariedade de recursos econômicos, sociais e de saúde, entre outros.

Neste contexto, apontamos a importância das relações intergeracionais e o papel da educação. Vimos como é possível apresentar novas imagens sobre o envelhecimento aos mais jovens, de modo a ressaltar seus aspectos positivos e a desconstruir os estereótipos existentes. Contudo, é preciso cautela para não rejeitar a própria ideia de velhice, negando o declínio físico,

mental e outras adversidades desta fase da vida e ressaltando somente os seus aspectos positivos, o que contribui para transformar a terceira idade em um mercado de consumo¹² e para esconder os problemas da velhice avançada. Dados de pesquisas sobre pessoas em idade avançada demonstram que a quarta idade acarreta um nível de incompletude biocultural, vulnerabilidade e imprevisibilidade que a diferencia da terceira idade. Apesar das mensagens positivas a respeito da velhice inicial, há dilemas e disfuncionalidades da velhice avançada¹³. Assim, os professores têm de estar preparados para tratar deste assunto com seus alunos, problematizando as questões existentes de forma crítica. Enfim, o que se preza é a construção de uma sociedade mais justa e humanizada, com foco nas relações entre os seres humanos, e acredita-se que a educação pode contribuir para isto.

Em nossa conclusão, gostaríamos de propor a superação de dois estereótipos existentes em nossa sociedade em relação aos idosos: a crença de que eles não podem aprender coisas novas e a visão de que todos aqueles que habitam instituições são carentes, solitários e abandonados.

Ao longo do tempo, algumas teorias e testes constituíram certa negatividade sobre o aprender na velhice, sobretudo nos anos 1960, em que a sociedade se centrava cada vez mais na juventude. Pensar que a mente humana na vida adulta se estabiliza cognitivamente e começa a regredir na velhice, cria barreiras sociais, culturais e educativas aos idosos¹.

Não se podem negar as transformações no envelhecimento, mas será que os idosos não podem aprender por outros caminhos? Através de outras aprendizagens, principalmente as que se dão através das experiências, já que na velhice têm que resolver problemas da vida cotidiana? Será que não desenvolvem a inteligência cultural, que diz que não existe uma idade certa para aprender, que as pessoas aprendem de maneiras diferentes, dependendo do contexto onde estão inseridas, e que em diferentes momentos da vida se relacionam diversamente com os conteúdos aprendidos? Em nossa visão, considerando que os processos educativos são inacabados, há sempre “a possibilidade de aprender sobre compartilhar experiências, sobre o conhecimento que se gera na interação, sobre a própria pessoa e sobre o mundo ao seu redor (...) em processos educativos que só se encerram com a morte do corpo”¹. No projeto apresentado, os idosos demonstraram aos jovens a possibilidade de transmitir conhecimentos, narrando suas experiências de vida e suas informações do passado, ao mesmo tempo que se mostraram capazes de adquirir novas aprendizagens, como a confecção de um cartão postal realizado pela professora de Arte.

Em relação às instituições de longa permanência para idosos, embora elas sejam vistas com preconceitos pela maioria da sociedade, deve-se admitir que elas constituem moradia, cuidados,

amparo e segurança para um grupo populacional¹⁴. Frequentemente associada a imagens negativas, como pobreza, abandono, solidão e violência, aspectos positivos da velhice institucionalizada, como cuidados de saúde, segurança, dignidade, estratégias de adaptação e novas relações sociais já foram constatados. Além disso, novos estudos demonstram que o fato dos idosos viverem com seus filhos não é garantia da presença de respeito e de prestígio, nem da ausência de maus-tratos. No projeto apresentado, os alunos puderam visitar uma instituição que é referência entre outras instituições. Ficaram admirados com seus espaços e as opiniões de seus moradores, que se mostraram satisfeitos onde há respeito, cuidados e oportunidades para a qualidade de vida.

Vale a pena ainda problematizar o conceito de geração, para o qual há várias definições¹⁵. Um dos significados mais comuns é aquele que associa geração à idade biológica, ou seja, o período de sucessão entre descendentes em linha reta, como avós, pais, filhos, netos, bisnetos. Tal significado já era utilizado na Antiguidade, mas foi cientificamente proposto pela primeira vez por Auguste Comte, entre 1830 e 1840, que visualizou as gerações como sucessões contínuas no tempo histórico e força motriz no progresso histórico. Trata-se de uma visão positivista, que considera progresso o resultado do entrelaçamento equilibrado entre as mudanças produzidas pela nova geração e a estabilidade mantida pelas gerações mais velhas, constituindo uma concepção mecânica e exteriorizada do tempo das gerações.

Ainda no século XIX, Wilhelm Dilthey foi o primeiro pensador a introduzir um conceito histórico de geração. Recusando a visão matemática e quantitativa do tempo das gerações de Comte, Dilthey enfatizou a temporalidade concreta da geração, constituída de acontecimentos e experiências compartilhadas. Trata-se de uma visão historicista, que enfatiza a conexão entre os ritmos da história e os ritmos das gerações.

Em 1928, Karl Mannheim desenvolveu uma teoria das gerações, distanciando-se do positivismo de Comte e do historicismo de Dilthey. Para ele, as gerações podem ser consideradas o resultado de descontinuidades históricas, de mudanças, de transformações sociais. O que marca uma geração não é a data de nascimento em comum, mas o processo histórico que uma parcela da população compartilha. Trata-se de uma visão sociológica, pois mesmo que com um acento histórico, considera que a simples presença dos sujeitos em um dado momento histórico não é determinante para desenvolver perspectivas semelhantes entre indivíduos de idades próximas, devendo existir um determinado tipo de participação ou prática coletiva sobre os mesmos eventos ou acontecimentos em comum.

Philip Abrams, em 1982, ampliou a perspectiva de Mannheim, relacionando a geração à questão identitária. Em uma visão histórico-social aprofundada, a geração é o lugar em que dois tempos diferentes, o do curso da vida e o da experiência histórica, são sincronizados, em uma íntima conexão entre as dimensões individual e social. Assim, o tempo biográfico e o tempo histórico fundem-se, transformando-se e criando uma geração social.

Posteriormente, outras importantes reflexões sobre o conceito foram desenvolvidas, ampliando ainda mais as perspectivas. Assim, há muitos modos de discorrer sobre a formação de uma geração e não é tarefa simples defini-la. Seu conceito não é estático, nem fixo, e assume distintos significados. Enfim, como apontou Zygmunt Bauman, trata-se de uma categoria, porque reúne membros com traços característicos ou atributos, assim como nação, classe social ou gênero.

- Referências Bibliográficas

1. Silva SRM. Processos educativos e memórias de mulheres em processo de envelhecimento que vivem em um abrigo e participam de uma tertúlia musical dialógica (dissertação). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos; 2008.
2. Freire P. Pedagogia do oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2011.
3. Ferrigno JC. Coeducação entre gerações. 2. ed. São Paulo: Sesc; 2003.
4. França L, Silva A, Barreto M. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? Rev. Bras. Geriatr. Gerontol. 2010; 13 (3): 519-531.
5. Ferreira C. et al. A visão do envelhecimento, da velhice e do idoso veiculada por livros infanto-juvenis. Rev. Saúde Soc. 2015; 24 (3): 1061-1075.
6. Lima GOC. Vivendo a terceira idade em Vitória da Conquista: um estudo de caso acerca do impacto do programa da terceira idade da prefeitura municipal de Vitória da Conquista (dissertação). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos; 2008.
7. Bosi E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 11. ed. São Paulo: Edusp; 2004.
8. Papaléo Netto M. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: Freitas EV, Py L. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2013. 62-75.
9. Massi G et al. Impacto de atividades dialógicas intergeracionais na percepção de crianças, adolescentes e idosos. Rev. CEFAC. 2016; 18 (2): 399-407.
10. Zanon CBFM, Alves VP, Cardenas CJ. Como vai a educação gerontológica nas escolas públicas do Distrito Federal: um estudo com idosos e jovens. Ver. Bras. Geriatr. Gerontol. 2011; 14 (3): 555-566.

11. Bicudo C. Lar dos Velhinhos completa 100 anos. Saraó: memória e vida cultural de Campinas. 2004; 3 (3).
12. Debert GG. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp/Fapesp; 2012.
13. Baltes P, Smith Jacqui. Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem sucedida do idoso jovem aos dilemas da quarta idade. Rev. A Terceira Idade. 2006; 17 (36): 07-31.
14. Camarano AA. Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. In: Neri AL. Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Edições SESC SP/Fundação Perseu Abramo; 2007; 169-190.
15. Bortolazzo SF. De Comte a Bauman: algumas aproximações entre os conceitos de geração e identidade. Rev. Estudos de Soc. 2016; 1 (22): 121-144.